

ISBN-13: 978-987-27772-2-5

Título: Actas del I Encuentro Latinoamericano de Investigadores sobre Cuerpos y Corporalidades en las Culturas

Editorial: Investigaciones en Artes Escénicas y Performáticas

Edición: 1a Ed.

Fecha publicación: 8/2012



Esta obra está bajo una [Licencia Creative Commons Atribución-CompartirIgual 3.0 Unported](https://creativecommons.org/licenses/by-sa/3.0/).

Título del trabajo: La Marcha de las Putas: el cuerpo de la mujer e la ciudad

Apellido y Nombres del autor/autora: Diana Helene

Grupo de Trabajo en el que desea participar: 9) Corporalidad, género y sexualidad

Modalidad de participación: Exposición oral

correo electrónico: diana.helene@usp.br

Resumen:

La Marcha de las Putas: el cuerpo de la mujer y la ciudad

Las luchas por la liberación de la mujer históricamente han tenido la escala del cuerpo: desde políticas de control de la fertilidad al aborto, la forma de vestir y el lugar en el que el cuerpo puede acceder en las ciudades: saliendo de la "casa" a la calle, que es el espacio de poder y dominio masculino. En las ciudades, un conjunto de representaciones y creencias en relación al cuerpo femenino ha obligado a las mujeres a cubrirse, salvaguardarse y vigilarse, o sufrir las consecuencias.

Las Marchas de las Putas (Slut Walks) empezaron en 2010 en Canadá. Durante una charla de seguridad en un campus universitario en Toronto, un oficial de policía dijo que las mujeres deberían dejar de vestirse como putas en las calles para evitar violaciones. Frente a esta declaración, las mujeres de la ciudad realizaron la primera "Slut Walk", con el fin de dejar claro que la violación es siempre culpa del agresor, y no de la manera de vestirse o comportarse, ni tampoco de los lugares que las mujeres frecuentan en la ciudad.

Luego, la marcha se replicó rápidamente en miles de ciudades, sobretudo con las redes cibernéticas, para su divulgación y organización hasta su repercusión en la sociedad. La propuesta del texto es explorar este conflicto - cuerpo femenino y ciudad - que resultó en la manera explosiva de como estas marchas se alastraron por el mundo, mediante una investigación vía Internet y con las mujeres organizadoras de la marcha en São Paulo e Campinas (Brasil).

La Marcha de las Putas: el cuerpo de la mujer y la ciudad

A Marcha das Vadias: o corpo da mulher e a cidade

*“eu só quero é ser feliz
andar tranquilamente com a roupa que escolhi
e poder me assegurar
que de burca ou de shortinho
todos vão me respeitar!”¹*

1. Introdução

As *Slut Walks* começaram no ano de 2011 em Toronto, Canadá, e se espalharam rapidamente. Em função da internet a notícia da realização da primeira marcha correu o mundo, fazendo mais de 200 cidades a reproduzirem poucas semanas depois². No Brasil, ganharam o nome de “Marcha das Vadias³” e aconteceram em cerca de 30 cidades diferentes⁴. Segundo Jessica Valenti os protestos se espalharam de forma viral e tornaram-se, em poucos meses, “the most successful feminist action of the past 20 years”⁵.

Uma das características mais interessante das *Slut Walks* é que tanto sua organização, quanto sua reprodução acontece de forma descentralizada, com a internet como meio de propagação, organização e repercussão. Muitos protestos contemporâneos têm sua base na popularização das recentes tecnologias de informação e comunicação: a internet aliada a aparelhos celulares multi-funções, máquinas fotográficas e filmadoras, tem construído uma gama de conteúdos digitais que estão em constante troca, contraposição e retroalimentação em redes sociais, blogs, etc. Por essa razão, esse artigo se utiliza dos discursos construídos pelos participantes e ativistas das marchas por meio da internet, bem como sua reverberação neste meio, na reivindicação de uma nova relação

¹ Canto entoado pelas mulheres na “Marcha das Vadias” de 2011 no Rio de Janeiro – Brasil. In: HELENE, Diana. “Se cuida seu machista, a América latina vai ser toda feminista”. Disponível em: <http://mstrio.casadomato.org/se-cuida-seu-machista-a-america-latina-vai-ser-toda-feminista/> (último acesso 27/06/2012)

² Países que já realizaram *Slut Walks*: Estados Unidos, Inglaterra, África do Sul, Alemanha, França, Holanda, Suécia, Escócia, Portugal, Israel, Dinamarca, Espanha, Índia, Singapura, Nova Zelândia, Honduras, Austrália, Coreia do Sul, Nepal, Romênia, Argentina, México, Nicarágua, Equador, Colômbia e o Brasil (mapeamento na internet).

³ A tradução do termo original *Slut Walk* se manifestou de diferentes formas, devido as diferentes palavras usadas para designar uma *slut*. No estado do Ceará, por exemplo, foi utilizado o nome “Marcha das vagabundas”. Em Portugal “Marcha das Ordinárias” e “Marcha das Galdérias”. Na maioria dos países de língua espanhola o nome escolhido foi “Marcha de las Putas” (mapeamento na internet).

⁴ Cidades brasileiras (por estado) - Paraíba: João Pessoa; Ceará: Fortaleza, Barbalha; Rio Grande do Sul: Porto Alegre, Esteio, Pelotas, Santa Maria; Mato Grosso: Cuiabá; Mato Grosso do Sul: Campo Grande, Dourados; São Paulo: Araraquara, Campinas, São Paulo, São Carlos, São José dos Campos; Paraná: Curitiba, Criciúma, Londrina; Pernambuco: Recife; Maceió: Alagoas; Amapá: Macapá; Pará: Belém; Distrito Federal: Brasília; Minas Gerais: Belo Horizonte, Juiz de Fora; Bahia: Salvador, Itabuna Espírito Santo: Vitória; Rio Grande do Norte: Natal; Santa Catarina: Florianópolis; Rio de Janeiro: Rio de Janeiro; Sergipe: Aracaju; e Goiás: Goiás (mapeamento na internet).

⁵ *A mais bem sucedida ação feminista nos últimos 20 anos* (tradução livre). In: VALENTI, Jessica. “SlutWalks and the future of feminism”. The Cap Times. Junho de 2011. Disponível em: http://host.madison.com/news/opinion/article_bcd1828b-7c59-5115-bee4-a7fddb9482b1.html#ixzz1yL8tCGc/ (último acesso 26/06/2012)

entre o corpo da mulher e a cidade.

As lutas de libertação das mulheres tem historicamente o caráter da escala do corpo: do controle de fertilidade às políticas de aborto, punições às violências sexuais e outras invasões ao corpo da mulher sem consentimento, maneiras de se vestir, mutilação/alterações corporais marcadas pelo gênero, chegando aos lugares que o corpo da mulher pode acessar na escala urbana, saindo do âmbito “doméstico”, para as ruas.

De acordo com Paola Jacques e Fabiana Brito, os corpos e as cidades se estabelecem por meio de relações mutuamente definidoras: além dos corpos ficarem inscritos e contribuírem na formulação do traçado das ruas e nas configurações urbanas, as memórias corporais resultantes da experiência de espacialidade também ficam inscritas e contribuem na configuração de nossos corpos. De acordo com essa perspectiva, a experiência urbana se inscreve nos corpos ao mesmo tempo que os corpos ficam inscritos nas cidades (as cidades são “memórias espacializadas dos corpos”). Essa cartografia corporal foi denominada pelas autoras de “corpografia urbana”(Britto, p. 14-15 e Jacques, p. 114).

Essa cartografia dos corpos pode ser observada na maneira como eles se estruturam como “mapas de poder e identidade” (Haraway, 2009: p. 96). Segundo Donna Haraway, as novas relações entre tecnologia e natureza estão configurando outras possibilidades de atuação política corporais para as mulheres, visto que o desenvolvimento tecnológico, como a internet por exemplo, possibilitam mais espaços possíveis de re-codificação para subverter o comando e o controle: “significa tanto construir quanto destruir máquinas, identidades, categorias, relações e narrativas espaciais” (*Idem*, p. 99).

2. #SlutWalk

As *Slut Walks* não surgiram do movimento feminista, apesar de se alinharem a ele. As criadoras da primeira marcha, Sonya Barnett e Heather Jarvis, não se consideram ativistas feministas institucionalizadas⁶. O motivo da realização do primeiro protesto foi causado pela indignação que elas e outras mulheres sentiram, durante uma palestra sobre segurança no campus universitário da York University de Toronto no dia 24 de janeiro de 2012, ao ouvir um representante da polícia da cidade afirmar que: “*women should avoid dressing like sluts in order not to be victimized*”, ou seja, que as mulheres deveriam se preocupar em não sair nas ruas se vestindo como uma *slut* (vadia,

⁶ LORI. “The Feministing Five: Sonya Barnett and Heather Jarvis” (entrevista). *Feministing*. Abril de 2011. Disponível em: <http://feministing.com/2011/04/16/the-feministing-five-sonya-barnett-and-heather-jarvis/>(último acesso 26/06/2012)

puta, etc) para não serem estupradas⁷. Muitas pessoas repudiaram essa declaração, e a organização policial da cidade recebeu vários pedidos de retratação, pautando debates na opinião pública sobre o tema nos meios de comunicação da cidade⁸. Houve réplicas que acharam a reação de repúdio exagerada, causando um enorme debate acerca do fato ocorrido, principalmente pela internet.

Dessa forma, Sonya Barnett e Heather Jarvis tiveram a ideia de realizar uma *Slut Walk*, parodiando o termo usado pelo policial com o intuito de mostrar - performaticamente, por meio de seus próprios corpos marchando na cidade - que as peças de roupas, certo modo de se comportar ou certos lugares que as mulheres circulam nas ruas não deveriam ser considerados os motivos nos casos de estupro, violações, abusos e violência. Para isso, criaram o evento na rede social da internet *Facebook*, que rapidamente agregou diversas pessoas, entre elas, organizações feministas e/ou contra violência de gênero, que também queriam fazer algo para contrapor a colocação do policial.

Os longos debates sobre o tema que antecederam a marcha podem ser vistos em uma reportagem sobre a fala do policial no jornal digital da Universidade de York, composta de uma discussão de 401 comentários, na qual, após muito debate, Sonya Barnett divulga a organização do evento:

Sonya JF Barnett February 18, 2011 - 9:06 AM: *In response to this egregious event, we are MOBILIZING. We have begun SLUTWALK TORONTO. We are gathering info, resources, thoughts and plans. You can LIKE our Facebook Page: <http://facebook.com/SlutWalkToronto>. Twitter: @SlutWalkTO. Slutwalktoronto.com coming soon. Time to make some noise and show that our "Protective Services" are making us feel anything but protected*⁹

Assim, apenas 6 semanas após a declaração do policial, no dia 3 de abril de 2011 acontece a primeira *Slut Walk*, que sob o lema "*whatever we wear, wherever we go, yes means yes, and no means no*"¹⁰ agregou 4 mil pessoas¹¹. Uma das coisas mais interessantes do evento, segundo as próprias organizadoras, é como o protesto conseguiu reunir uma quantidade tão diversificada de pessoas, inclusive muitas que nunca tinham se engajado num movimento reivindicatório antes:

⁷ "My Body Is Not An Insult" (Release para imprensa da Slut Walk de Toronto 2012). Sitio da Slut Walk de Toronto (SWTO). Maio de 2012. Disponível em: <http://www.slutwalktoronto.com/admin/wp-content/uploads/2012/04/SWTO2012.pdf>/ (último acesso 26/06/2012)

⁸ MARONESE, Nicholas. "Cop's 'slut' comment draws backlash from guerilla activists". Excalibur: York University's Community Newspaper. Março de 2011. Disponível em: <http://www.excal.on.ca/news/cop's-'slut'-comment-draws-backlash-from-guerilla-activists/> (último acesso 26/06/2012)

⁹ *Em resposta a este acontecimento notável, nós estamos nos MOBILIZANDO. Começamos a SLUTWALK TORONTO. Estamos reunindo informações, recursos, pensamentos e planos. Você pode CURTIR nossa página no Facebook: <http://facebook.com/SlutWalkToronto>. Twitter: @SlutWalkTO. Slutwalktoronto.com está chegando. Chegou a hora de romper o silêncio e mostrar que nossos "Serviços de proteção" nos fazem sentir tudo, menos protegidas* (tradução livre). In: KWAN, Raymond. "Don't dress like a slut: Toronto cop". Excalibur: York University's Community Newspaper . Fevereiro de 2011. Disponível em: <http://www.excal.on.ca/news/dont-dress-like-a-slut-toronto-cop/>. (último acesso 26/06/2012)

¹⁰ *O que quer que eu vista, onde quer que eu vá, sim significa sim, e não significa não* (tradução livre).

¹¹ Dado disponível em: <http://www.slutwalktoronto.com/> (último acesso 26/06/2012)

pessoas que conheceram a ideia pela internet e aderiram a proposta¹².

A notícia da marcha em Toronto se espalhou rapidamente por meio das redes digitais e dessa forma começou a ser replicada pelo mundo, se utilizando para organização e divulgação as plataformas de comunicação digitais da internet. Segundo o sítio do Slut Walk de Toronto: “What began as a reaction to one comment, a reaction that we had originally imagined only to include a handful of



gura 1: Primeira Slut Walk do mundo - Toronto 2011 (Mark Blinch/Reuters)

In: <http://noticias.uol.com.br/bbc/2011/05/10/comentario-de-policial-em-palestra-gera-protesto-global-our-closest-friends,-exploded-into-a-kind-of-movement-that-we-never-could-have-expected>¹³.

No Brasil, a primeira marcha aconteceu na cidade de São Paulo, no dia 4 de junho de 2011, organizada pela iniciativa de uma mulher que descobriu a existência do evento lendo as notícias de um sítio na internet¹⁴. Com a ajuda de alguns amigos, ela criou o evento no *Facebook*, da mesma maneira que as organizadoras originais do Canadá, e rapidamente mais de 6000 pessoas confirmaram sua presença: “primeiro discutimos sobre como organizaríamos isso, criamos o evento, convidamos pessoas que foram convidando pessoas, chamamos os amigos no *Facebook*, pessoalmente, no twitter e fomos explicando quase que um a um qual era a intenção da marcha e assim foi crescendo (entrevista feita com Madô Lopez, dia 15/06/2011)”

¹² LORI. *op. cit.*

¹³ *O que começou como uma reação a um comentário, que tínhamos imaginado inicialmente que participariam apenas um punhado de amigos mais próximos, explodiu em uma espécie de movimento que nunca poderíamos esperar* (tradução livre). Disponível em: <http://www.slutwalktoronto.com/> (último acesso 26/06/2012)

¹⁴ BBC BRASIL. “Comentário de policial em palestra gera protesto global da 'marcha das vagabundas'”. G1 Mundo. Maio de 2011. Disponível em: <http://g1.globo.com/mundo/noticia/2011/05/comentario-de-policial-em-palestra-gera-protesto-global-da-marcha-das-vagabundas.html> (último acesso 26/06/2012)



Figura 2: Primeira Marcha das Vadias do Brasil - São Paulo/SP (Thiago Marzano)
In: <http://thiagomarzano.com.br/>

A marcha agregou cerca de 300 pessoas que desfilaram nas principais vias da cidade¹⁵. O destino final foi uma casa de comédia, na qual um dos seus integrantes havia feito uma piada com apologia ao estupro¹⁶. As manifestantes fizeram um ato de encerramento em frente ao teatro, colando os cartazes que carregavam na fachada do local (Figura 2). Esta ação se repetiu em outras marchas que aconteceram no Brasil, escolhendo locais ícones para o ato final dos protestos, espaços que auxiliam a manutenção – ou simplesmente fecham os olhos - à violência contra a mulher, como delegacias de polícia e igrejas. Esses atos finais performáticos em locais específicos das cidades, exemplificam o diálogo que as marchas pretendem fazer entre seus corpos e os espaços urbanos.

Em algumas cidades as marchas tomaram dimensões muito maiores. A Marcha das Vadias da cidade de Campinas (interior de São Paulo), por exemplo, alcançou um significado expressivo devido aos numerosos casos de estupro no distrito de Barão Geraldo, onde fica a Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP):

Pensamos em vincular ao movimento Marcha das Vadias, por apresentar outra linguagem para discutir a violência, pra fugir do tradicional. Queríamos discutir, questionar a esfera cultural da violência, não só exigir direitos legais. (...) A gente quis acabar com o conservadorismo de como se fazer política.(entrevista feita com Aline Tavares - coletivo Marcha das Vadias de Campinas, dia 26/06/201)

Nesse caso, além da divulgação via internet a marcha agregou diversos coletivos: de feministas, de assistência jurídica popular, de anarquistas, de rádios livres, de cyberfeminismo, grupos de capoeira, de assistência técnica a movimentos sociais, de mulheres ligadas a partidos políticos, entidades estudantis e sindicatos. Assim, se estabeleceu um "comitê" de organização do protesto, com reuniões quinzenais durante os 3 meses que antecederam a marcha (que aconteceu em setembro de 2011, e foi a primeira realizada em uma cidade que não era uma capital de algum estado).

Nesse sentido, vale ressaltar como a realização das marchas alavancou a criação de coletivos feministas, que além de organizarem os protestos, passaram a se encontrar e realizar outros eventos.

¹⁵ SASSAKI, Raphael. "Marcha das Vadias leva 300 pessoas para a av. Paulista". Folha de São Paulo. Junho de 2011. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/925522-marcha-das-vadias-leva-300-pessoas-para-a-av-paulista.shtml> (último acesso 12/07/2012)

¹⁶ O comediante brasileiro Rafinha Bastos fez uma piada em seu show de *stand up* que pautou diversos debates na opinião pública, além de um abaixo assinado e sua intimação na delegacia de polícia: "Toda mulher que eu vejo na rua reclamando que foi estuprada é feia pra caralho. Tá reclamando do quê? Deveria dar graças a Deus. Isso pra você não foi um crime, e sim uma oportunidade. Homem que fez isso não merece cadeia, merece um abraço". In: "Nota de repúdio às piadas de mau gosto do 'humorista' Rafinha Bastos". Secretaria de Políticas para as Mulheres. Maio de 2011. Disponível em: http://www.sepm.gov.br/noticias/ultimas_noticias/2011/05/nota-de-repudio-as-piadas-de-mau-gosto-do-201chumorista201d-rafinha-bastos (último acesso 12/07/2012)

Muitas integrantes desses coletivos não estavam engajadas em nenhum tipo de luta feminista anteriormente, ou mesmo em nenhuma atividade de contestação social. Desse modo, destaca-se o papel das marchas na pluralização e agregação de pessoas. Outra característica desses coletivos, grupos e organizações das marchas é serem compostos por mulheres jovens. Além disso, Aline Tavares relata que a grande participação das pessoas na marcha de Campinas se deve também à falta de um movimento feminista organizado na cidade: “as pessoas estão nos procurando com demandas, de casos de violência sexual, aborto, estamos sendo 'a' referência (entrevista feita com Aline Tavares - coletivo Marcha das Vadias de Campinas, dia 26/06/201)”.

Quanto à organização interna desses coletivos, em geral caracterizam-se por serem horizontais e descentralizados: não existem funções específicas definidas e a internet é uma ferramenta essencial para o debate e organização interna. No coletivo Marcha das Vadias de Campinas, por exemplo, as pessoas se dividem em GRUVAs (grupos de vadiagem - uma ironia com “GT: grupo de trabalho”).

Eu destacaria que tudo isso que fazemos é sem alguma institucionalidade, o que não é pouca coisa. Todos os grupos que dialogamos, de alguma forma, possuem uma institucionalidade que lhes garante alguma coesão/compromisso e recursos. O que nos une é apenas a empolgação e a convicção no que defendemos. E mesmo assim, sem nunca termos debatido diretoria, possuímos uma forma fluida e orgânica de organização (entrevista feita com Aline Tavares, op. cit.) 17

Em geral, a divulgação das marchas se inicia pelo *Facebook*, seguida da criação de materiais específicos para divulgação: blogs, cartazes digitais, banners, vídeos, entre outros exemplos. O coletivo da Marcha das Vadias de Brasília, por exemplo, elaborou cartazes digitais para divulgação do ato, chamada “Campanha Fotográfica – Feminista Por quê?”¹⁸. Os cartazes carregam lemas feministas e outros temas relacionados à realização da marcha e tem o formato para visualização e distribuição pelas redes sociais digitais. Foram feitos 52 cartazes, divulgados na internet um a um, ao longo dos dias que antecederam a marcha (Figura 3).

¹⁷ Alguns exemplos de outras ações, além da marcha, organizadas pelo coletivo de Campinas: GRUVA Apitos - distribuição de apitos anti-estupro de casa em casa; GRUVA Educação: ações em escolas - debate sobre violência e feminismo com adolescentes e jovens; Ação e articulação com a Associação Mulheres Guerreiras (Ass. de profissionais do sexo de Campinas); Realização de seminários sobre violência contra a mulher e parcerias com outras instituições.

¹⁸ “Campanha Fotográfica – Feminista Por quê?”. Blog Marcha das Vadias - Brasília, DF. Junho de 2012. Disponível em <http://marchadasvadiasdf.wordpress.com/campanha-fotografica-feminista-por-que/#> e <http://feministaporque.tumblr.com/> (último acesso 09/07/2012)

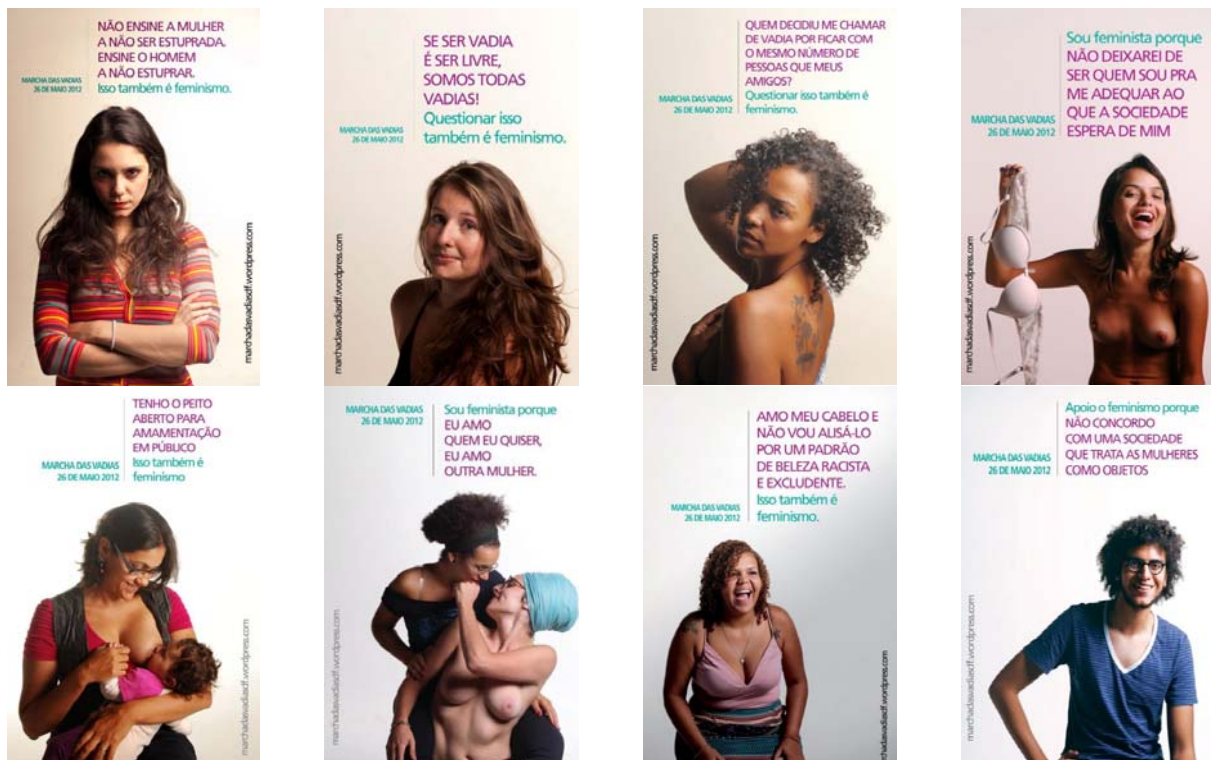


Figura 3: Cartazes digitais para divulgação da Marcha das Vadias de Brasília

3. O corpo da mulher e a cidade

*Wife in the kitchen. Whore in the street*¹⁹ (Agrest, 1988: p. 37).

Segundo o sítio da *Slut Walk* de Toronto, o termo *Slut* foi escolhido por ser uma denominação historicamente depreciativa em relação as mulheres. Por isso se deu a proposta de uma “reapropriação” da palavra, de modo a colocar nela outros valores, visto que o termo e suas traduções é carregado de uma simbologia fruto de “uma cultura patriarcal que aciona diversos dispositivos para reprimir a sexualidade da mulher, nos dividindo em 'santas' e 'putas’”²⁰.

Ou seja, as marchas contestam as simbologias que carregam os corpos das mulheres dependendo de sua maneira de vestir, agir e locais que frequentam na cidade, espaço este onde impera o poder masculino. Isso porque, a organização generificada do espaço da cidade é baseada na ideia da existência de dois papéis exclusivos destinados às mulheres: ou você é “vadia”, “vagabunda” e “puta” (*slut*) / ou você é “esposa” e “moça de família”. São dois papéis demarcados, cada um deles tem seu lugar na cidade e não podem se misturar: a esposa deve permanecer confinada às funções e

¹⁹ *Esposa na cozinha. Prostituta na rua* (tradução livre).

²⁰ “Carta Manifesto da Marcha das Vadias de Brasília – Por que marchamos?”. Blog Marcha das Vadias - Brasília, DF. Junho de 2011. Disponível em <http://marchadasvadiasdf.wordpress.com/manifesto-porque-marchamos/> (último acesso 09/07/2012)

ao espaço do “lar”; e as prostitutas restritas às funções e ao espaço destinado à prostituição (certas ruas da cidade, bordéis e as “zonas” de prostituição). O resto da totalidade da cidade é prioritariamente masculino. Como já salientava Robert Park (1979), a morfologia urbana é a tradução de uma ordem moral, que, nesse sentido, localiza de maneira assimétrica a tradução social do sexo biológico. A mistura entre as partes desse sistema de ordenação e classificação da sociedade refletido no espaço urbano “ofende a ordem” (Douglas, 1966: p.12) e essa ameaça de contaminação é contida por ações - muitas vezes violentas - de manutenção do *status quo*. Os modos de gerir essa força sociológica e cultural regida pela sexualidade “se realizam pela instituição de mecanismos repressivos, muitas vezes perversos” (Simões, 2010: p. 35). É uma “reação que condena qualquer objeto ou ideia capaz de confundir ou contradizer classificações ideais” (Douglas, 1966: p. 50). A esposa apanha do marido se não seguir as regras domésticas (obediência, servidão e fidelidade); e as vadias, que arriscam sair nas ruas vestindo de certo modo, em certos horários, em certos lugares, agindo de certa maneira, exercendo livremente sua sexualidade e/ou trabalhando como prostituta serão estigmatizadas, maltratadas e/ou violentadas por qualquer um que se achar no direito de fazer isso.

Assim, desde muito novas as mulheres aprender a temer, se proteger e a ficar todo o tempo atentas aos locais que circulam nas cidades. Elas são impedidas de acessar e/ou tem de evitar certos locais de “perigo” como praças vazias, ruas desertas, vielas e becos mal iluminados, etc; com muito mais frequência que os homens. Além do “temor” internalizado ao espaço público que se impõe aos seus corpos, estes ainda precisam ser cuidadosamente organizados por meio de certas roupas, posturas e movimentos que não “atraiam” os possíveis violentadores. São restrições que atravessam o corpo da mulher na sua relação de vivência cotidiana na cidade.

A transição da mulher entre o espaço da casa e o espaço urbano alavancada pelo feminismo, reflete a conquista feminina gradual da esfera pública e política. No início do século 20, as ruas eram pouquíssimo visitadas pelas mulheres da elite. A casa em que moravam era geralmente fechada, com aparatos arquitetônicos especiais que impediam a visualização dos olhares exteriores (muxarabis e gelosias), com poucos contatos com a vida exterior. A mulher até então era um objeto recluso dentro das casas. Com o advento da circulação nas ruas da era moderna, essa característica começa a mudar gradualmente. Conforme a rua vai se tornando o *locus* de encontro e vivência dos diversos elementos que compõem a heterogeneidade urbana, torna-se também um local de visibilidade e confronto: “a modernidade se constrói também, e sobretudo, com a figura emblemática da mulher moderna na cidade” (Lavinias e Ribeiro, 1997: p 44). Desse modo, essa transição passa por diversos entraves, que até hoje interdita o direito à cidade das mulheres.

Segundo Nadja Monnet, o corpo feminino nas cidades ainda é um “corpo estrangeiro”, que paradoxalmente “dans la rue, sur une place publique, la même femme qui est «invisibilisée» en tant que sujet social souffre d’une «hypervisibilisation» en tant qu’objet d’attention (Monnet, 2009: p. 15)²¹”.

Nesse sentido, as marchas buscam ressaltar a questão de que lugares e de que forma o corpo da mulher percorre a cidade, marcados por esses dois papéis femininos opostos. Um dos temas abordados pela Marcha das Vadias é a “cultura de estupro”, um conceito feminista que contesta as representações e crenças que naturalizam a violência contra a mulher. Vale lembrar, que o Brasil é o 7º país em homicídio de mulheres (femicídio); aproximadamente 15 mil mulheres são estupradas por ano e a cada 20 segundos uma mulher é vítima de violência no país (Waiselfisz, 2011: p. 16)²².

Por essas razões, as Marchas das Vadias atuam performaticamente **na cidade**. No ato-ritual as manifestantes se utilizam de simbologias “vadias”, numa proposta de desmistificação dessas representações: “invadem” as ruas da cidade com roupas excessivamente curtas, meias arrastão, sutiãs à mostra, peitos nus, placas coloridas e/ou os corpos pintados com diversas frases e dizeres: “O corpo é meu!”, “Acredite ou não, minha saia não tem nada a ver com você”, “Nada justifica o estupro”, “Meu corpo minhas regras”, “Sou minha, só minha, e não de quem quiser”, entre outros. Além disso, muitas manifestantes realizam performances, pequenas cenas e outros atos teatrais de protesto. Existem ainda, as músicas entoadas pelas mulheres, compostas especialmente para as marchas.



Figura 4: Performance na Marcha das Vadias de São Paulo (Marcio Fernandes/AE) In: <http://noticias.r7.com/sao-paulo/noticias/sao-paulo-realiza-2-edicao-da-marcha-das-vadias-neste-sabado-20120526.html>



Figura 5: Marcha das Vadias de Brasília (Alexandra Martins / Marcha das Vadias DF 2012) In: <http://marchadasvadiasdf.wordpress.com/>



Figura 6: Marcha de las Putas México (CNNMéxico) In: <http://mexico.cnn.com/nacional/2011/06/12/mujeres-protestan-en-marcha-de-las-putas-contra-la-violencia-de-genero>

²¹ Na rua, sobre um espaço público, a mesma mulher que é “invisibilizada” como sujeito social, sofre de uma “hipervisibilização” como objeto de atenção (tradução livre).

²² Sem esquecer esses são os números que chegaram às estatísticas, pois o mesmo sistema que naturaliza a “cultura de estupro” também faz as mulheres esconderem, não delatarem, se sentirem culpadas e/ou não terem coragem de declarar que foram violentadas.



Figura 7: Performance na Slut Walk Seul - Coreia do Sul (AFP). In: <http://english.cntv.cn/20110718/102062.shtml>



Figura 8: Marcha das Vadias de Campinas (Cristina Beskow)



Figura 9: Performance em frente a Catedral de Campinas (Cristina Beskow)



Figura 10: Marcha de las Putas Bogotá – Colombia (Fredy Builes / Reuters). In:

<http://p3.publico.pt/actualidade/sociedade/2362/slutwalk-tambem-na-colombia-o-corpo-delas-e-delas>



Figura 11: Marcha de las Putas Bogotá – Colombia (Felipe Caicedo/France Presse). In: <http://fotografia.folha.uol.com.br/galerias/6700-marcha-das-vadias-em-bogota#foto-128660>



Figura 12: Slut Walk Jerusalém (Israel) - “My dress code is none of your business,” during the a feminist march called “Slut Walk,” (Nir Alon/Demotix/Corbis). In: <http://abcnews.go.com/blogs/headlines/2012/05/today-in-pictures-sri-lanka-slut-walk-in-jerusalem-elections-in-iran/>



Figura 13: Slut Walk Cidade do Cabo – África do Sul (Nardus Engelbrecht – Facebook [SlutWalk Cape Town](http://www.facebook.com/SlutWalkCapeTown))



Figura 14: Marcha de Las Putas de Bueno Aires – Argentina (Juan Mabromata/France Presse)

In: <http://www1.folha.uol.com.br/mundo/962659-centenas-se-mobilizam-na-marcha-das-vadias-em-buenos-aires.shtml>

Segundo Ana Clara Torres Ribeiro, as ruas são o palco ideal para performances de ruptura da reprodução sistêmica do cotidiano: “essas ações corporificam, na encenação da experiência urbana, o descarte, por alguns instantes, de controles que tolgem a invenção (e inversão) de posições sociais nos fluxos urbanos” (Ribeiro, 2010: p. 31). Isso porque, esse sujeito corporificado, atua sua performance do modo a se opor aos modelos de cidade e de urbanidade que o excluem, constituindo um embate simbólico de dimensões subjetivas e cognitivas de poder (*idem*, p.32). Segundo Jacques são ocupações, profanações e apropriações do espaço público com o intuito de construir/propor novas experiências urbanas, para perturbar a aparente ordem estabelecida no espaço público – “um escape da hegemonia das imagens consensuais”- na qual o uso do corpo é prioritário (Jacques, 2010: p. 117). Para Diana I. Agrest, a cidade é o cenário social para a mulher expressar

publicamente sua luta, ao deslocar-se para fora da instituição onde ela e seu corpo tem um lugar atribuído (a casa): “the street is the scene of her writing²³” (Agrest, 1988: p. 40).

4. “Meu corpo, meu campo de batalha²⁴”

Em 1850, aconteceu uma revolução a partir de uma modificação no modo de vestir feminino (conhecida como a “Reforma dos Trajes”): a invenção de uma calça-saia chamada “bloomers”, que instituiu o fim do uso exclusivo de calças para homens. Do mesmo modo que a repercussão em torno da Marcha das Vadias, as mulheres que ousavam usar estas calças eram chamadas de

vulgares, indecentes e ridículas (Wilcox, 1958: p. 300-301 e 323). No final dos anos 60 se iniciou as manifestações de “queimar sutiãs”, que se tornaram um símbolo feminista. Esses são fatos que demonstram como opera a disputa simbólica acerca das marcações corporais para a luta feminista. As roupas são artifícios que, além de demarcarem as fronteiras da divisão entre os gêneros masculino e feminino, registram marcações hierárquicas de poder.



16: Peitão Marcha das Vadias Brasília - DF
In:

<http://marchadasvadiasdf.wordpress.com/2012/06/14/por-que-reivindicar-o-direito-ao-corpo-na-marcha-das-vadias/>

Além das vestimentas, existem as posturas “corretas”, modo de se locomover, caminhar, sentar, se expressar, etc. Todas essas regras corporais refletem o reatamento nos corpos das estruturas sociais, ou seja, os processos classificatórios que operam na sociedade os configuram, moldam sua forma e sua expressão. Além do gênero, as distinções de classe, de raça e de uma multiplicidade de outros aspectos “se acham inscritas no corpo humano em virtude dos diferentes processos sociológicos que exercem ação sobre esse corpo” (Harvey, 2004: p. 137). Ao mesmo



tempo, estes corpos carregam e transmitem signos e significados simbólicos quem tem a função da manutenção das mesmas classificações e estruturas sociais de poder que os demarcam.

Por essas razões o feminismo e o movimento *queer* atuam na disputa político/ideológica/empírica

²³ *A rua é a cena de sua escrita* (tradução livre).

²⁴ Frase comum nos cartazes, cantos e pinturas nos corpos das marchas.

acerca das configurações corporais, utilizando o próprio corpo como plataforma, constituindo um “corpo político”, um corpo agente na esfera pública e política. Nesse sentido, as Marchas das Vadias tem como característica primordial a configuração e o uso do corpo como plataforma de suas reivindicações: um corpo performático, que se utiliza da marcha como ritual de performance coletiva.

Uma ferramenta performativa-corporal ritualizada nas marchas é o *Peitão*²⁵, na qual as mulheres marcham coletivamente com os seios a mostra, e os dorsos nus pintados com diversos dizeres.

*Nossos corpos ainda não nos pertencem. Mais reivindicamos o direito de mostrá-los, de andar livremente com ou sem blusa, de exercer nossa autonomia e liberdade para exibir o corpo como quisermos. Aos homens não lhes é negado esse direito. Eles podem andar sem blusa e ninguém vai estuprá-los. Não por isso. Como já citei em outro post, nossa sociedade define quais partes do corpo da mulheres podem ou não ser mostradas, define, inclusive, quais partes serão erotizadas. E o peito está dentro dessa definição. (...) E, por isso, o peitão significa um momento de empoderamento, de força, de união, de solidariedade, um momento feminista, um ato político*²⁶

No Rio de Janeiro aconteceu o único conflito de todas as marchas, quando uma série de mulheres com os seios de fora se prostraram em frente a uma igreja - que estava em missa - a polícia militar entrou em confronto com as manifestantes chegando a usar spray de pimenta para expulsar as mulheres do local. Na internet, fotos da marcha com cenas de *peitões* foram censuradas nas redes sociais, fazendo as ativistas replicarem de forma ainda mais intensa as mesmas. A reação aos *peitões* demonstra o tipo de luta simbólica que está se operando.

5. A contraditória Vadia

Do mesmo modo, que as marchas se espalharam pela internet, a reverberação negativa em relação aos protestos foi proporcionalmente massiva. Dentre os comentários em blogs, vídeos, álbum de fotos, reportagens e outras divulgações acerca das marchas, os mais comuns são: que as manifestantes não tem o que fazer e que deviam “ir pro fogão” ou “lavar a louça”; que as marchas fazem as mulheres “de verdade” passarem vergonha; e/ou que existem coisas muito mais importantes para protestar (saúde, educação, etc).

²⁵ O *peitão* é uma referência a outra manifestação performática muito comum no movimento gay, o *beijaço*. Nesta performance, um grupo de pessoas invade um local acusado de discriminação de afeto homossexual e realiza um grande beijo coletivo. Vale ressaltar que os *beijaços* se utilizam da internet para divulgação das manifestações, funcionando similarmente aos *flashmobs* (o primeiro protesto reuniu duas mil pessoas apenas com a divulgação digital. Outra referência é o *mamaço*, que aconteceu em maio de 2011, no qual diversas mães amamentaram em público num centro cultural no qual uma mulher tinha sido impedida de amamentar. Depois o *mamaço* se repetiu no *Facebook*, quando a rede social censurou uma foto de uma mãe amamentando, diversas mulheres colocaram fotos de amamentação nos seus perfis digitais da rede social.

²⁶ In: ZAMBONI, Júlia. “Por que reivindicar o direito ao corpo na Marcha das Vadias?”. Audácia das chicas. Junho de 2012. Disponível em: <http://www.audaciadaschicas.com/2012/06/por-que-reivindicar-o-direito-ao-corpo.html> (último acesso: 09/07/2012)

Segundo integrantes das marchas, o tema da violência sexual parece atrair mais comentários violentos que outros assuntos: como a internet é uma “plataforma anônima, que garante um contato distante e efêmero, desaparece qualquer pretensão de civilidade; só resta a reação violenta a qualquer tentativa de se mudar os termos da discussão sobre a desigualdade de gênero²⁷”. Além das ofensivas grosseiras existe as réplicas de religiosos e outras entidades patriarcais tradicionais. As seguintes afirmações foram feitas em blogs católicos:

Manifestações insidiosas estas que vêm acontecendo ultimamente. A culpa do crime de estupro não deve ser imputada à mulher – e não é isto que defendemos. Mas, sim, roupas indecentes desfiguram qualquer criatura. Boa parte de nossas mães e esposas não concorda com esta Marcha das Vadias, e o motivo é simples: para ser livre, uma jovem não precisa ser vadia; para ser livre, uma jovem precisa ser modesta²⁸

Uma das fotos que eu vi no Facebook mostrava um homem sem camisa e uma inscrição dizendo algo como 'ele está com calor ou será que ele quer ser estupro?', em uma tentativa pueril de se igualar homens e mulheres – como se uma menina com os seios à mostra provocasse ou devesse provocar, nos homens, a exata mesma reação que um homem sem camisa provoca nas mulheres²⁹

Em São Paulo, houve ainda a tentativa de organizar uma “anti-marcha” das vadias, intitulada “Marcha das Divas”, sob o lema: “até para pedir respeito, temos que ter respeito”. A “contra-marcha” afirmava lutar também pelo fim da violência contra mulher, porém sem ter que “tirar a roupa” para isso. Foi criado um evento no *Facebook*, que recebeu tantas represálias de simpatizantes e organizadores das Marchas das Vadias, que os organizadores desistiram de fazer o ato³⁰.

Por fim, se destacam as críticas realizadas por feministas, que giram em torno do questionamento do uso do termo *slut*, sugerindo que a tentativa de recuperar a palavra é contraditória. Ou seja, ao protestar pelo direito de serem chamadas de vadias, as mulheres estariam jogando o jogo patriarcal de poder: “o viés é mesmo nos apropriarmos dos termos e caricaturas, como se a partir disso toda a

²⁷ CAMARGO, Thais. “A Marcha das Vadias e o ódio na internet”. Blog Sociologia Klingon. Junho de 2011. Disponível em: <http://sociologiaklingon.posterous.com/a-marcha-das-vadias-e-o-odio-na-interne/t> (último acesso 26/06/2012)

²⁸ OLIVEIRA, Everth Q. “A Marcha das Vadias e a intolerância do movimento feminista”. Ecclesia Una. Maio de 2012. Disponível em: <http://beinbetter.wordpress.com/2012/05/27/a-marcha-das-vadias-e-a-intolerancia-do-movimento-feminista/> (último acesso 09/07/2012)

²⁹ FERAZ, Jorge. “O que esperam as senhoritas com as tetas à mostra?” Deus lo Vult!. Maio de 2012. Disponível em: <http://www.deuslovult.org/2012/05/28/o-que-esperam-as-senhoritas-com-as-tetas-a-mostra/> (último acesso 09/07/2012)

³⁰ MORAIS, Samantha. “A Marcha das Divas é para vc que não se sentiu a vontade em participar da Marcha das Vadias mas tem vontade de lutar a favor das Mulheres contra Violência Sexual”. Blog Samantha Moraes. Junho de 2012. Disponível em: http://samanthamoraes.blogspot.com.br/2012/06/marcha-das-divas-e-para-vc-que-nao-se_10.html (último acesso 09/07/2012)

história de opressão desaparecesse sob um novo rótulo libertário?³¹”. Outra crítica é que a apropriação do termo teria impactos desproporcionais para mulheres negras e/ou pobres. Segundo Harsha Walia, a história do genocídio contra as mulheres indígenas, a escravização de mulheres negras, e a esterilização forçada de mulheres pobres vai além de seus trajes: é um meio de controle de gênero incorporado nos processos de intersecção entre racismo e colonialismo. Para Harsha, a experiência de mulheres pobres, marginalizadas e/ou de cor com a violência e a culpabilidade da vítima não é apenas quantitativamente diferente mas também é qualitativamente diferente³². Por essa razão, feministas negras têm acusado as marchas de serem excludentes racialmente. Segundo uma carta aberta feita por diversas organizações de mulheres negras norte-americanas destinada à Marcha das Vadias:

As Black women, we do not have the privilege or the space to call ourselves "slut" without validating the already historically entrenched ideology and recurring messages about what and who the Black woman is. We don't have the privilege to play on destructive representations burned in our collective minds, on our bodies and souls for generations. (...) For us, the problem of trivialized rape and the absence of justice are intertwined with race, gender, sexuality, poverty, immigration and community³³

Uma das réplicas mais divulgada na internet, foi feito por uma ex-prostituta, Rebecca Mott:

I will never reclaim the term Slut – for I will never allow the male violence and hate to the prostituted class to made even more invisible by women saying it ok to be called Slut. Slut is a male term of deep contempt and hate for all women and girls – but for the Ultimate Slut, men are saying she is nothing but a thing he will fuck into trash. How is it possible to reclaim that? (...) I cannot forget the poison of that term – I bloody wish I could³⁴

Rebecca crítica ainda, o fato de que “brincar de puta não é ser uma puta”, ou seja, que apesar das manifestantes pensarem que estão sendo radicais ao se vestirem com uma visão “estereotipada, burlesca e caricatural” de vadia, para ela e outras prostitutas essas ações são um insulto. Segundo

³¹ MEXY & JO “Slutwalk, Prostitutas e Nossas Apropriações”. Krasis. Maio de 2011. Disponível em: <http://krasis.wordpress.com/2011/05/11/slutwalk-prostitutas-e-nossas-apropriacoes/> (último acesso 09/07/2012)

³² WALIA, Harsha. “Slutwalk: To march or not to march” Rabble. Maio de 2011. Disponível em: <http://rabble.ca/news/2011/05/slutwalk-march-or-not-march> (último acesso 09/07/2012)

³³ *Como Mulheres Negras, não temos o privilégio nem o espaço para nos auto denominarmos "vadias", sem validar a ideologia já historicamente enraizada e mensagens recorrentes sobre o que, e quem, a mulher negra é. Nós não temos o privilégio de brincar com as representações destrutivas marcadas a fogo em nossas mentes coletivas, marcadas nos nossos corpos e almas por gerações. (...) Para nós, o problema da banalização do estupro e a ausência de justiça estão entrelaçadas com raça, gênero, sexualidade, pobreza, imigração e comunidade de origem (tradução livre). In: “An Open Letter from Black Women to SlutWalk Organizers”. Disponível em: http://www.huffingtonpost.com/susan-brison/slutwalk-black-women_b_980215.html (último acesso 26/06/2012)*

³⁴ *Eu nunca irei reivindicar o termo Vadia – para nunca permitir que a violência masculina e o ódio à classe prostituída torne-se ainda mais invisível pelas mulheres que estão dizendo que tudo bem ser chamada de puta. Slut é um termo masculino de profundo desprezo e ódio para mulheres e meninas – mas para aquela vadia que está no mais baixo nível de degradação, o que os homens dizem é que ela não é nada mais que uma coisa que ele vai foder e jogar fora. Como é possível reivindicar isso? (...) Eu não posso esquecer o veneno desse termo – Eu queria, com todo meu sangue, que eu pudesse (tradução livre). In: MOTT, Rebecca. “The Ultimate Slut”. Rmott62. Maio de 2011. Disponível em: <http://rmott62.wordpress.com/2011/05/10/the-ultimate-slut/> (último acesso 09/07/2012)*

ela, sair vestida de puta no meio de uma multidão igualmente fantasiada de puta, é muitas vezes feito a partir de uma posição de profundo privilégio³⁵.

6. Conclusão

A culpabilização das vítimas de estupro em função de seu modo de agir, vestir ou que lugares circulem na cidade são mitos perigosos que as feministas tentam desmascarar há muito tempo. Mesmo considerando a contradição acerca das marchas e do uso do termo *slut*, segundo Jessica Valenti, os protestos alcançaram uma escala mundial de debate na opinião pública de uma maneira que nunca aconteceu antes nas lutas feministas: “The marches are mostly organized by younger women who don’t apologize for their in-your-face tactics, making the events much more effective in garnering media attention and participant interest than the actions of well-established (and better-funded) feminist organizations³⁶”. Segundo Aline Tavares (coletivo Marcha das Vadias de Campinas) a quantidade imensa de atividades femininas e feministas que estão surgindo nesse momento, estão sendo influenciadas pela enorme visibilidade que os protestos geraram.

Nesse sentido, as Marchas das Vadias conseguiram construir um discurso reivindicatório do corpo da mulher sobre a cidade, em função de sua reafirmação, reconstrução e disseminação simbólica por meio de plataformas virtuais (vídeos, textos e imagens) ao longo do mundo, configurando uma relação de intermediação entre corpo, cidade e tecnologia. Foram estabelecidas conexões performativas que transitam por esse três elementos estabelecendo uma reverberação mundial de dissensos, contaminações e agrupamentos diversos. Isso porque, as marchas - enquanto ritual - se utilizam de símbolos de contaminação à ordem, “bagunçando” as classificações acerca da mulher. Esta relação corpo-cidade-internet anuncia uma nova maneira de atuar para as organizações feministas, e também para atuação de outras lutas.

³⁵ *Idem*

³⁶ *As marchas são maioritariamente organizadas por mulheres jovens, que não pedem licença para usar táticas escancaradas, tornando os eventos muito mais eficazes para angariar atenção da mídia e o interesse dos participantes do que as ações das consolidadas (e com mais financiamento) organizações feministas* (tradução livre). In: VALENTI, op. cit.

Referências Bibliográficas:

- AGREST, Diana I. "Architecture from without: Body, Logic, and Sex" . In: **Assemblage** No. 7. MIT Press: Cambridge (USA), Oct. 1988 (p. 28-41) .
- BRITTO, Fabiana D. *Co-implicações entre Corpo e Cidade: da sala de aula à plataforma de ações*. In: JACQUES, P.B. & BRITTO, F.D. (Orgs.) **Corporcidade: debates, ações e articulações**. Salvador: EDUFBA, 2010 (p. 12-23).
- DOUGLAS, Mary. **Pureza e Perigo**. Editora Perspectiva: São Paulo, 1976
- HARAWAY, Donna J. *Manifesto Ciborgue: Ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX*. In: TADEU, Tomaz (Org.). **Antropologia do ciborgue: as vertigens do pós-humano**. Belo Horizonte: Autentica Editora, 2009 (p. 33-118).
- HARVEY, David. **Espaços de Esperança**. São Paulo: Edições Loyola, 2004.
- HELENE, Diana. "Corpo e Cidade: uma pequena etnografia da Prostituição em Campinas". **Os Urbanitas** (São Paulo), v. 5, p. 5, 2008.
- HELENE, Diana. "Prostituição e segregação espacial: A relação entre a criação do bairro Jardim Itatinga e a prostituição no centro da cidade de Campinas". In: Ambiens (Org.). **Estado e Lutas Sociais: Intervenções e Disputas no Território**. Curitiba: Kairós, 2010, p. 215-231.
- JACQUES, Paola B. *Zonas de Tensão: em busca de micro – resistências urbanas*. In: JACQUES, P.B. & BRITTO, F.D. (Orgs.) **Corporcidade: debates, ações e articulações**. Salvador: EDUFBA, 2010 (p. 106-119).
- LAVINAS, Lena ; RIBEIRO, Luiz César Q . **Imagens e Representações sobre a Mulher na Construção da Modernidade de Copacabana**. In: Souza C.F. e Pesavento S.J.. (Org.). *Imagens Urbanas. Os Diversos Olhares na Formação do Imaginário Urbano*. Porto Alegre: Editora da Universidade UFRGS, 1997, v. , p. 43-56.
- MONNET, Nadja, "Qu'implique flâner au féminin en ce début de vingt et unième siècle? Réflexions d'une ethnographe à l'œuvre sur la place de Catalogne à Barcelone" . In: **Wagadu** [online] - Volume 7, Fall: 2009 .
- PARK, Robert Ezra. "A cidade: sugestões para a investigação do comportamento humano no meio urbano". In: VELHO, Otávio Guilherme (org.). **O Fenômeno Urbano**. 4.ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.
- RIBEIRO, Ana Clara T. *Dança dos sentidos: na busca de alguns gestos*. In: JACQUES, P.B. & BRITTO, F.D. (Orgs.) **Corporcidade: debates, ações e articulações**. Salvador: EDUFBA, 2010 (p. 24-41).
- SIMÕES, Soraya. S. **Vila Mimosa: etnografia da cidade cenográfica da prostituição carioca**. Niterói: EdUFF, 2010.
- SOBARZO, Oscar . **A produção do espaço público: da dominação à apropriação**. Geosp, São Paulo, v. 19, p. 93-111, 2006.
- WASELFISZ, Julio J. "Caderno complementar 1 - Homicídio de mulheres no Brasil". In: **Mapa da Violência 2012 - Os novos padrões da violência homicida no Brasil**. . São Paulo, Instituto Sangari, 2011.
- WILCOX, R. Turner. **The Mode in Costume**. Charles Scribner's Sons: New York, 1958.

Textos Digitais (reportagens, blogs, entrevistas, etc):

- ARONOVICH, Lola. "O grande sucesso da Marcha das Vadias". Escreva Lola Escreva. Maio de 2012. Disponível em: <http://escrevalolaescreva.blogspot.com.br/2012/05/o-grande-sucesso-da-marcha-das-vadias.html> (último acesso: 15/07/2012)
- BBC BRASIL. "Comentário de policial em palestra gera protesto global da 'marcha das vagabundas'". G1 Mundo. Maio de 2011. Disponível em: <http://g1.globo.com/mundo/noticia/2011/05/comentario-de-policial-em-palestra-gera-protesto-global-da-marcha-das-vagabundas.html> (último acesso 26/06/2012)
- CAMARGO, Thais. "A Marcha das Vadias e o ódio na internet". Blog Sociologia Klingon. Junho de 2011. Disponível em: <http://sociologiakingon.posterous.com/a-marcha-das-vadias-e-o-odio-na-interne/t> (último acesso 26/06/2012)
- "Campanha Fotográfica – Feminista Por quê?". Blog Marcha das Vadias - Brasília, DF. Junho de 2012. Disponível em <http://marchadasvadiasdf.wordpress.com/campanha-fotografica-feminista-por-que/#> e <http://feministaporque.tumblr.com/> (último acesso 09/07/2012)
- "Carta Manifesto da Marcha das Vadias de Brasília – Por que marchamos?". Blog Marcha das Vadias - Brasília, DF.

- Junho de 2011. Disponível em <http://marchadasvadiasdf.wordpress.com/manifesto-porque-marchamos/> (último acesso 09/07/2012)
- FRANCE PRESSE 'Centenas se mobilizam na "Marcha das Vadias" em Buenos Aires". Uol Mundo. Agosto de 2011. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/mundo/962659-centenas-se-mobilizam-na-marcha-das-vadias-em-buenos-aires.shtml> (último acesso 15/07/2012)
- FERRAZ, Jorge. "O que esperam as senhoritas com as tetas à mostra?" Deus lo Vult!. Maio de 2012. Disponível em: <http://www.deuslovult.org/2012/05/28/o-que-esperam-as-senhoritas-com-as-tetas-a-mostra/> (último acesso 09/07/2012)
- GIZELLI. "O corpo é meu! O Facebook não é nosso!". Blog Ativismo de sofá. Maio de 2012. Disponível em: <http://ativismodesofa.blogspot.com.br/2012/05/o-corpo-e-meu-o-facebook-nao-e-nosso.html> (último acesso 26/06/2012)
- HELENE, Diana. "Se cuida seu machista, a América latina vai ser toda feminista". Disponível em: <http://mstrio.casadomato.org/se-cuida-seu-machista-a-america-latina-vai-ser-toda-feminista/> (último acesso 27/06/2012)
- KWAN, Raymond. "Don't dress like a slut: Toronto cop". Excalibur: York University's Community Newspaper . Fevereiro de 2011. Disponível em: <http://www.excal.on.ca/news/dont-dress-like-a-slut-toronto-cop/>. (último acesso 26/06/2012)
- LORI. "The Feministing Five: Sonya Barnett and Heather Jarvis" (entrevista). Feministing. Abril de 2011. Disponível em: <http://feministing.com/2011/04/16/the-feministing-five-sonya-barnett-and-heather-jarvis/>(último acesso 26/06/2012)
- LOPES, Barbara. "O corpo é meu - A cidade é nossa". Blogueiras feministas. Setembro de 2011. Disponível em: <http://blogueirasfeministas.com/2011/09/o-corpo-e-meu-a-cidade-e-nossa/> (último acesso 09/07/2012)
- MARONESE, Nicholas. "Cop's 'slut' comment draws backlash from guerilla activists". Excalibur: York University's Community Newspaper. Março de 2011. Disponível em: <http://www.excal.on.ca/news/cop's-'slut'-comment-draws-backlash-from-guerilla-activists/> (último acesso 26/06/2012)
- MEXY & JO "Slutwalk, Prostitutas e Nossas Apropriações". Krasis. Maio de 2011. Disponível em: <http://krasis.wordpress.com/2011/05/11/slutwalk-prostitutas-e-nossas-apropriacoes/> (último acesso 09/07/2012)
- MORAIS, Samantha. "A Marcha das Divas é para vc que não se sentiu a vontade em participar da Marcha das Vadias mas tem vontade de lutar a favor das Mulheres contra Violência Sexual". Blog Samantha Moraes. Junho de 2012. Disponível em: http://samanthamoraes.blogspot.com.br/2012/06/marcha-das-divas-e-para-vc-que-nao-se_10.html (último acesso 09/07/2012)
- MOTT, Rebecca. "The Ultimate Slut". Rmott62. Maio de 2011. Disponível em: <http://rmott62.wordpress.com/2011/05/10/the-ultimate-slut/>(último acesso 09/07/2012)
- "My Body Is Not An Insult" (Release para imprensa da Slut Walk de Toronto 2012). Sitio da Slut Walk de Toronto (SWTO). Maio de 2012. Disponível em: <http://www.slutwalktoronto.com/admin/wp-content/uploads/2012/04/SWTO2012.pdf/> (último acesso 26/06/2012)
- NEDER, Renata. "Cidades mais seguras para as mulheres". Mulher 7x7 – Época. Agosto de 2011. Disponível em: <http://colunas.revistaepoca.globo.com/mulher7por7/2011/08/20/cidades-mais-seguras-para-as-mulheres/> (último acesso: 09/07/2012)
- "Nota de repúdio às piadas de mau gosto do 'humorista' Rafinha Bastos". Secretaria de Políticas para as Mulheres. Maio de 2011. Disponível em: http://www.sepm.gov.br/noticias/ultimas_noticias/2011/05/nota-de-repudio-as-piadas-de-mau-gosto-do-2011chumorista2011d-rafinha-bastos (último acesso 12/07/2012)
- OLIVEIRA, Everth Q. "A Marcha das Vadias e a intolerância do movimento feminista". Ecclesia Una. Maio de 2012. Disponível em: <http://beinbetter.wordpress.com/2012/05/27/a-marcha-das-vadias-e-a-intolerancia-do-movimento-feminista/> (último acesso 09/07/2012)
- SASSAKI, Raphael. "Marcha das Vadias leva 300 pessoas para a av. Paulista". Folha de São Paulo. Junho de 2011. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/925522-marcha-das-vadias-leva-300-pessoas-para-a-av-paulista.shtml> (último acesso 12/07/2012)
- WALIA, Harsha. "Slutwalk: To march or not to march" Rabble. Maio de 2011. Disponível em: <http://rabble.ca/news/2011/05/slutwalk-march-or-not-march> (último acesso 09/07/2012)
- VALENTI, Jessica. "SlutWalks and the future of feminism". The Cap Times. Junho de 2011. Disponível em: http://host.madison.com/news/opinion/article_bcd1828b-7c59-5115-bee4-a7fddb9482b1.html#ixzz1yLf8tCGc/

(último acesso 26/06/2012)

ZAMBONI, Júlia. “Por que reivindicar o direito ao corpo na Marcha das Vadias?”. Audácias das chicas. Junho de 2012. Disponível em: <http://www.audaciadaschicas.com/2012/06/por-que-reivindicar-o-direito-ao-corpo.html> (último acesso: 09/07/2012)

Sites

Marcha das Vadias – Brasil: <http://marchadasvadiasbr.wordpress.com/>

Toronto: <http://www.slutwalktoronto.com/>

Alagoas: <http://marchadasvadiasal.blogspot.com.br/>

Curitiba: <http://marchadasvadiascwb.blogspot.com.br/>

Brasília: <http://marchadasvadiasdf.wordpress.com/>

Porto alegre: <http://marchadasvadiaspoa.tumblr.com/>

Belo Horizonte: <http://www.slutwalkbh.blogspot.com.br/>

Natal: <http://marchadasvadiasnatal.blogspot.com.br/>

Boston: <http://bostonlutwalk2k11.tumblr.com/>

Chicago: <http://www.slutwalkchicago.org/>

Lisboa: <http://slutwalklisboa.wordpress.com/>

Londres: <http://slutmeansspeakup.org.uk/>

Seattle: <http://slutwalkseattle.com/>